



Instituto Federal de Brasília

Campus Brasília

Licenciatura em Dança

Janaynna Braga Guimarães

A relação professor-aluno sob a perspectiva de uma Ouvidoria Experimental

Brasília

2018

Janaynna Braga Guimarães

A relação professor-aluno sob a perspectiva de uma Ouvidoria Experimental

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do *Campus* Brasília do Instituto Federal Brasília como requisito parcial para obtenção de título de licenciada.

Orientador: Luiz Cláudio Renouleau de Carvalho

Brasília

2018

Janaynna Braga Guimarães

A relação professor-aluno sob a perspectiva de uma Ouvidoria Experimental

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do *Campus* Brasília do Instituto Federal Brasília como requisito parcial para obtenção de título de licenciada.

Orientador: Luiz Cláudio Renouveau de Carvalho

Dedicatória

Aos alunos da Licenciatura em Dança do
Instituto Federal Brasília, os futuros
docentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, que sempre apoia as minhas decisões e sempre está ao meu lado. Em especial, à minha mãe. Por todo carinho, cuidado e conselhos que me fazem um ser humano melhor.

A todos os professores do IFB que foram fundamentais na minha formação docente. Cada um à sua forma, ensinou-me o que é ser um professor. Ao professor Luiz Cláudio Renouveau de Carvalho, que se dispôs a estar mais perto de mim nessa resta final, me orientado, e desorientado às vezes. Levarei seus ensinamentos, e nossas longas conversas, para minha vida pessoal e profissional.

Agradeço a todos os colegas que fizeram parte desta caminhada de quatro anos. À amiga mais que especial, Andreza Rodrigues, por me mostrar na prática o que é ser professora em escolas de ensino regular.

A todos os alunos que participaram, contando suas histórias, neste último passo do caminho. Este trabalho seria completamente diferente se não fosse por eles.

A todos os que estavam presentes nesta trilha, que colaboraram, que incentivaram...

Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo analisar se as relações estabelecidas entre professores e alunos são determinantes na taxa de evasão do curso. Foram entrevistados alunos do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal Brasília, *Campus* Brasília. Os alunos responderam a um instrumento, de preenchimento *on-line*, contendo perguntas de múltipla escolha e uma dissertativa, na qual lhes foi pedido que descrevessem situações em que tivessem sido vítimas de comentários depreciativos por parte de algum docente do curso. Constatou-se que essas situações levam estes alunos a optarem, em sua maioria, por abandonar a disciplina. Nenhum aluno ou docente foi identificado.

Palavra-chave: Relação professor-aluno, licenciatura, avaliação, conduta, ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

The purpose of this study was to assay if the relations established between teachers and students are determinant in the rate of evasion of the course. Students of the graduation in dance on the Instituto Federal Brasília, Brasília Campus were interviewed. The students answered to an online, multiple-choice set of questions and one question which the answer had to be written down. They were asked to describe situations in which they were victims of possible degrading observation by a teacher. It was noticed that these situation may lead most of the students to abandon the course. No student or teacher has been identified.

Key words: Teacher-student relationship, degree, evaluation, behavior, teaching and learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	9
3 METODOLOGIA	12
3.1 Caracterização da amostra	12
3.2 O instrumento da pesquisa	12
3.3 Coleta de dados	13
3.4 Procedimentos de Análise	13
4 RESULTADOS E ANÁLISES	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
6 REFERÊNCIAS	23
7 APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE PESQUISA	25

1 INTRODUÇÃO

A sala de aula é um ambiente que tende a favorecer as interações sociais. Dá-se, neste contexto, um constante exercício que envolve tanto a apreensão de conhecimentos quanto o convívio com distintas realidades intrínsecas a cada um daqueles que compõem esse espaço.

Neste ambiente, faz-se necessário que o professor não se atenha unicamente à transmissão de conhecimentos para alcançar os objetivos previamente estabelecidos por ele, mas também, que haja uma preocupação com um dos aspectos mais importantes que permeiam os processos de ensino-aprendizagem: a sua relação com o aluno.

Para que haja uma melhora no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que o professor tenha consciência de certos aspectos, especialmente dentro da sala de aula. Por exemplo, apresentar-se com bom humor, expor claramente os conteúdos que serão trabalhados, especialmente aqueles com cunho avaliativo, ter uma boa comunicação com a turma, entre tantas outras que tornam a relação professor-aluno mais agradável para ambas as partes.

O professor universitário deve se preocupar não apenas com a formação técnica de seus alunos, mas também ter ciência de que pode ser visto como um parâmetro de conduta. É indispensável que o docente perceba que a relação professor-aluno tem um caráter de reciprocidade, sendo ele um agente transformador e transformado pelo cotidiano da sala de aula.

Percebe-se, nas discussões entre instituições governamentais e de ensino, que há a necessidade de uma discussão mais ampla sobre melhorias no ensino superior, especialmente em cursos de licenciatura. Vê-se professores universitários vivendo “o impasse de lidar com um cenário educacional complexo com representações sociais marcadas pela globalização e uma onda de consumismo, expressão de valores imediatos e externos” (PERES, 2012 p.183).

De certa forma, pode-se inferir que as atuais condições socioeconômicas e educacionais impelem professores e alunos às relações utilitárias ou pragmáticas, com um caráter de urgência e não de perenidade.

Partindo-se do pressuposto de que as relações que se estabelecem entre professores e alunos, são relações de poder, é razoável supor que elas sejam regidas por princípios próprios de uma democracia e, principalmente, em conformidade com a ética.

E como mensurar se essa relação é construtiva ou apenas burocrática? Como perceber se estão havendo atitudes em que uma das partes, normalmente a mais fraca, está sendo prejudicada? Como dar, aos alunos, a garantia de que os professores estão fazendo o que é melhor para o conjunto da turma?

Este trabalho consiste em uma pesquisa quantitativa e qualitativa com o intuito de responder estas e outras questões referentes às relações professor-aluno como potenciais causas de reprovação, trancamento ou abandono de disciplinas no curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal Brasília, *Campus Brasília*.

2 REVISÃO DE LITERATURA

“Educar é orientar o outro para a descoberta, é dar segurança, é promover o indivíduo, os métodos e técnicas são elementos facilitadores desta engrenagem, chamada escola.” (Carlos Alberto Resende, 1993)

O conceito de ética é discutido desde os tempos mais remotos. Ética é uma questão relacionada a cada tempo, cada cultura e sociedade. Mas o que todos os tempos e eras têm em comum, é que os preceitos éticos devem pertencer tanto nos governos quanto na vida cotidiana dos indivíduos, aí incluídas as relações interpessoais.

Na antiguidade, ética era definida por uma disposição à prática do bem a favor da coletividade. Durante a Era Medieval, ética estava relacionada à bondade, uma virtude divina que só poderia ser alcançada desligando-se da racionalização mundana. Na Idade Moderna, marcada por uma busca pela “felicidade verdadeira”, a ética voltou a se apegar à religião, numa busca pela liberdade. O Iluminismo trouxe críticas que voltaram o foco para a razão, arriscando-se na concepção de autonomia humana e em um progresso otimista. Já na segunda metade do século XIX, Friedrich Nietzsche definiu ética como ciência, sendo totalmente desvinculada da religião.

Atualmente, este conceito ainda é muito discutido. Ética é considerada, hoje em dia, um ramo da filosofia que se dedica ao estudo dos valores morais da conduta humana. Ética está relacionada ao modo de ser e ligada à capacidade de escolha do indivíduo. Dessa forma, a

função da ética é levar a sociedade a um pensamento em comum, com base em valores morais orientadores do comportamento.

Pensando que os cursos de licenciatura formam indivíduos para exercerem o papel de docente, é importante que os professores do nível superior tenham claros o conceito de ética e o código de conduta estabelecido pela instituição de ensino. Porém, especialmente para este ramo profissional, não basta conhecer o conceito, é preciso vivê-lo eticamente. Rios (apud ROCHA e CORREIA, 2006) afirma que é pouco comum encontrar professores que tenham plena consciência de seu papel político na formação do indivíduo.

Via de regra, os professores funcionam como ponto de referência para seus alunos. Como esperar, então, que os futuros docentes tenham posturas condizentes com as questões de conduta, se o que vêm são exemplos de comportamentos contrários? Ter uma postura ética sugere aos alunos que sigam esse comportamento em outros ambientes, não apenas na sala de aula (SILVA, 2014). Ética deve ser um constante exercício de reflexão, especialmente quando se lida com a formação de professores.

O docente universitário, algumas vezes possuidor de grande carga horária de caráter administrativo e burocrático, acaba por se concentrar quase que unicamente na transmissão do conhecimento teórico, tendo pouco tempo para se preocupar com a qualidade da relação professor-aluno. É o que afirma, por exemplo, Tragtenberg, ao comentar o peso da estrutura escolar sobre as questões pedagógicas:

A conduta burocrática implica uma exagerada dependência dos regulamentos e padrões quantitativos, impessoalidade exagerada nas relações intra e extragrupo, resistências à mudança, configurando os padrões de comportamento na escola encarada como organização complexa. Em suma, o administrativo tem precedência sobre o pedagógico. (TRAGTENBERG, 2018, p. 6)

As convenções estabelecidas pela instituição de ensino, as escolhas pedagógicas, os objetivos do curso para professores e alunos são fatores que, quando combinados, acabam por influenciar o clima dentro da sala de aula e, portanto, nas relações professor-aluno (RONCAGLIO, 2004).

Busca-se, dentro de uma sala de aula, um clima que tenha por base a dialogicidade e reciprocidade, aspectos fundamentais para que sejam estabelecidas relações próximas do que se chamariam de democráticas. Porém, o discurso utilizado por docentes é muitas vezes caracterizado como autoritário, sendo o professor o agente exclusivo e direcionador do saber (SANTOS, 1999). Esse sistema, pode levar o aluno a uma obediência passiva em que há pouca

participação, quando o professor força determinada reação/resposta dos alunos, ou nenhuma participação. O aluno torna-se passivo ao processo de ensino-aprendizagem, executando as tarefas exigidas pelo professor. Não havendo questionamentos nem problematização.

Sabe-se que o bom relacionamento não é função apenas do docente. É uma relação recíproca entre as duas partes. É confiado, porém, ao professor, agente direto do processo de ensino, a maior parte da responsabilidade. Afinal, cabe a este o papel de definir, por exemplo, certos conteúdos, metodologias e procedimentos que conduzirão as aulas (CARVALHO, 1998).

A negatividade nas relações estabelecidas entre professores e alunos pode se tornar um fator que determina certos comportamentos observados dentro da sala de aula. Por exemplo, haveria ligação entre o índice de desistência das disciplinas, ou reprovações, com o relacionamento que se estabelece entre professor e aluno?

Percebe-se que são várias as coisas que orbitam as relações professor-aluno: normas, burocracia, conteúdos obrigatórios, e tantas outras. E um dos fatores determinantes nessa relação é a questão da avaliação. O que deveria ser a produção e transmissão de conhecimento, torna-se um instrumento com fim em si mesmo (TRAGTENBERG, 1985).

Thereza Penna Firme, em concordância com Tragtenberg, afirma que “avaliar pode ser um empreendimento de sucesso, mas também de fracasso; pode conduzir a resultados significativos ou a respostas sem sentido; pode defender ou ameaçar” (FIRME, 2017, p.1).

A coerção parece ser comum dentro do ambiente da sala de aula, por ser uma estratégia de impacto quase imediato. De acordo com Sidman (apud VIECILI, 2002, p.203), coerção é “a ameaça de punição para conseguir que outros ajam como nós gostaríamos”. É possível ver professores utilizando-se de sua posição de autoridade para coagir os alunos a pensarem segundo o que afirmam.

Para se pensar em avaliações, é preciso antes pensar em objetivos, em elaborá-los de forma clara a valorizar a aprendizagem do aluno. “Para cada método ou técnica, é necessário estabelecer um objetivo específico que possa ser observado para se seguir a avaliação” (RESENDE, 1993, p. 84).

Pensada desta forma, a avaliação apresenta-se como um possível procedimento com capacidade de aferir se os objetivos, previamente estabelecidos, foram alcançados. Se os objetivos e critérios não são claros, a avaliação pode perder a importância para o aluno. É possível identificar a avaliação como uma via de mão dupla, onde o estudante avaliado, também

avalia o professor. Sem essa percepção, a avaliação tornar-se apenas uma conferência de saberes. Antes de tudo, avaliação deveria ser a aplicação de um instrumento capaz de mostrar como está o andamento do processo de ensino-aprendizagem (CARVALHO, 2015).

Em concordância com isso, Jussara Hoffman, em uma entrevista concedida ao SENAI, afirma que aprender envolve o desenvolvimento pleno do aluno, sua curiosidade e interesse. O aluno desenvolve sua autoria como pesquisador, leitor e escritor. (HOFFMAN, 2018)

É preciso pensar em acrescentar qualidade às avaliações, resgatando seu caráter dinâmico e globalizador, para que assim se consiga uma avaliação que envolva a consciência do próprio indivíduo, “tornando-se um instrumento de aprendizagem com qualidade e produtividade” (FRANCO apud RESENDE, 1993, pp. 83-89).

Pode-se depreender, portanto, que são muitas as variáveis interferentes no clima de uma sala de aula e que tais variáveis, em grande parte, estão sob controle do professor. Os alunos porém, por serem maioria, também são protagonistas neste processo na medida em que colaboram para que se estabeleça um clima agradável ou não.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da amostra

A presente pesquisa trata-se de um *survey* e foi constituída por uma amostra aleatória de 59 discentes do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal Brasília - IFB, o que corresponde a 23,8% do total de alunos regularmente matriculados no curso.

Em função do tema da pesquisa, fez-se a opção por não solicitar aos respondentes quaisquer informações a respeito de dados pessoais como, por exemplo, sexo, raça, período em que está matriculado, ano de ingresso, entre outras. Sabe-se que tais informações poderiam contribuir para uma maior amplitude das análises, mas, por outro lado, a sua manutenção poderia intimidar os respondentes quanto à abrangência das suas respostas.

3.2 O instrumento da pesquisa

O instrumento aplicado nesta pesquisa foi criado na plataforma Google Forms (Apêndice A). Trata-se de um formulário com quatro (4) questões fechadas e de múltiplas respostas e uma (1) questão aberta, onde o respondente é solicitado a narrar um fato relacionado a pelo menos uma das respostas dadas anteriormente.

3.3 Coleta de dados

A abertura do instrumento se deu no dia 04 de setembro de 2018, e ficou disponível para respostas por trinta (30) dias. Os discentes receberam um link por mensagem de texto enviada a grupos de alunos, criados em um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas para smartphones (WhatsApp). O link para responder ao instrumento foi enviado para três (3) grupos de alunos do curso, entre os dias 04 de setembro e 04 de outubro de 2018.

3.4 Procedimentos de Análise

As análises foram feitas considerando, apenas, os alunos que responderam positivamente à pergunta inicial, e que correspondem ao total de 27 discentes.

A apresentação dos resultados e sua discussão obedeceram a um critério de corte, onde as respostas que obtiveram percentual inferior a 25% foram consideradas apenas na composição total dos dados, mas não como objeto de análise singular.

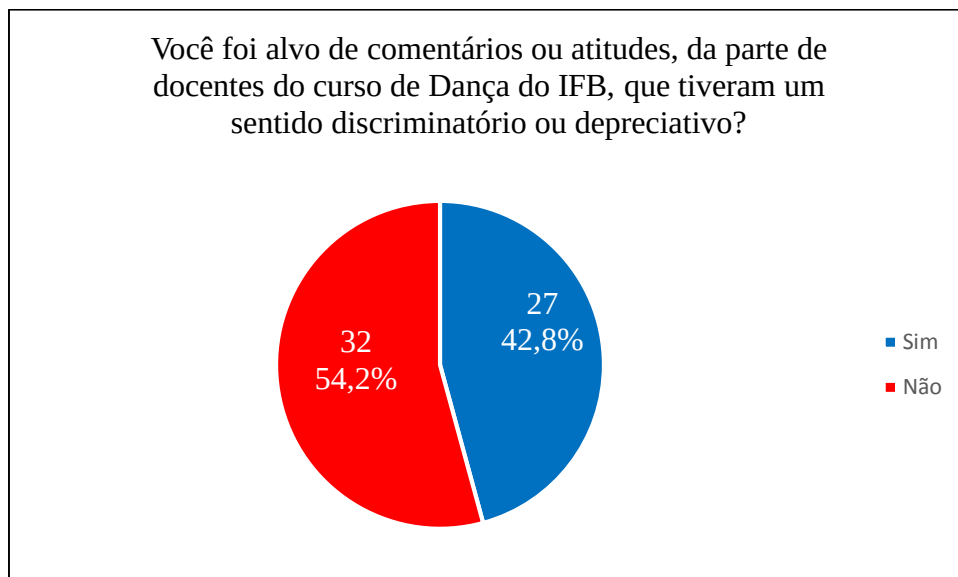
4 RESULTADOS E ANÁLISES

A presente pesquisa teve por objetivos investigar as seguintes questões:

- 1- As relações estabelecidas entre professor e aluno são construtivas ou apenas burocráticas?
- 2- É possível que o aluno esteja sendo prejudicado por atitudes docentes?
- 3- Como garantir ao aluno que o professor está fazendo o que é melhor para a turma?
- 4- As relações entre professor-aluno são potenciais causas de reprovação, trancamento ou abandono das disciplinas?

O primeiro dado significativo a ser destacado diz respeito à pergunta de abertura, que tinha por objetivo distinguir os discentes que teriam, ou não, passado por alguma situação de cunho discriminatório ou depreciativo. O resultado pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Total de alunos respondentes



Do total de alunos respondentes, percebe-se que um número significativo (42,80%), já foi alvo de algum tipo de discriminação por parte de docentes. De acordo com o Código de Conduta Dos Servidores do Instituto Federal de Brasília, vigente desde 2012, artigo 7º, Inciso XVIII, “são deveres dos servidores [...]: abster-se de promover qualquer tipo de comentários pejorativos ou difamatórios a respeito de outros funcionários, alunos e público em geral”. Os resultados parecem indicar que tais comentários não são incomuns dentro da sala de aula. Existem possíveis explicações para essas ocorrências: o desconhecimento do Código de Conduta do IFB, o despreparo dos docentes em sua formação acadêmica ou, ainda, por uma conjunção de fatores que, ao longo da sua formação como indivíduo sedimentaram preconceitos que, dependendo da situação, podem aflorar.

A indagação subsequente teve por objetivo identificar, de maneira geral, qual atitude docente, ocorrida dentro de sala de aula, que poderia ser caracterizada como pejorativa ou discriminatória em relação ao aluno. Para tanto, foram apresentadas diversas situações em que o aluno deveria assinalar qual delas mais se aproximou do ocorrido.

Considerando a linha de corte estabelecida em 25%, a primeira situação a ser analisada diz respeito ao fato de o docente reduzir a nota do aluno de forma arbitrária ou prepotente.

Tabela 1 - Alunos reprovados sem explicação

Você foi reprovado em uma disciplina pelo fato de o (a) docente ter reduzido sua nota sem dar explicações.	
<i>f</i>	%
7	25,9

É possível observar na Tabela 1 que 25,9% dos alunos afirmam que foram reprovados em alguma disciplina sem saberem o motivo ou terem recebido qualquer explicação por parte do docente. Apesar de tais atitudes docentes não serem explicitadas em códigos de conduta, é de se esperar que a relação professor-aluno tenha como objetivo a promoção do aluno e não a sua punição pura e simples, sem que o aluno saiba o que a motivou. O relato a seguir exemplifica uma ocorrência deste tipo, quando o discente afirma que “a docente me reprovou porque durante o semestre tivemos algumas divergências em temas abordados na aula, passei por nota mas fui reprovada por faltas que não existiram”.

A Tabela 2, a seguir, trata de situações em que o aluno foi vítima de comentários de cunho depreciativo, em contexto ideológico.

Tabela 2 - Vítimas de comentários depreciativos por questões ideológicas

Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões ideológicas.	
<i>f</i>	%
7	25,9

Verifica-se na Tabela 2 que 25,9% dos alunos afirmam que foram vítimas de comentários depreciativos, por parte de algum docente, por questões ideológicas. Essas situações podem ter ocorrido por uma série de razões, na medida em que o conceito de ideologia se estende além de questões político-partidárias. Infere-se que esses acontecimentos tanto podem se tratar de aspectos políticos, uma vez que se estava em período eleitoral, ou por questões ligadas à religiosidade, ou ainda, morais. O fato é que acompanha-se na mídia, por exemplo, uma certa intolerância às opiniões divergentes.

A próxima situação recorrente trata de os alunos terem sido vítimas de comentários depreciativos por questões religiosas. O resultado pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 - Vítimas de comentários depreciativos por questões religiosas

Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões religiosas.	
<i>f</i>	%
8	29,6

O Código de Conduta do IFB afirma, no Artigo 7º Inciso II, que dentre os deveres dos servidores está o de “manter a objetividade e o tratamento não discriminatório nas relações com as pessoas [...] abstendo-se de praticar qualquer forma de discriminação, em particular aquelas baseadas em origem, raça, [...] convicções filosóficas ou religiosas”. Apesar disso, quase 30% dos alunos respondentes afirmaram que foram vítimas de comentários depreciativos por questões religiosas.

Foram diversos relatos sobre tais questões. Em um deles, a discente alega ter perdido a oportunidade de participar de um programa de expressão nacional e com cessão de bolsas, em função de o processo seletivo estar a cargo de uma docente específica que não teria as mesmas crenças:

Tenho todas as características para trabalhar nas instituições, fiquei 3 anos na fila esperando entrar no programa que já não era muito confiável o critério de escolha. [...] Não fui aceita claramente por ser branca, bailarina e cristã, fiz um ofício reclamação que todas as pessoas contempladas eram negras, das danças de matrizes africanas e do candomblé e que se fosse pra ser assim ela teria que ter especificado quem ela queria trabalhando com ela.¹

O relato de outra discente trata de um comportamento ocorrido dentro da sala de aula: “A questão religiosa foram (*sic*) usadas com ironia, faltando com respeito tanto da parte do docente como de outros discentes, não somos obrigado (*sic*) a seguir ou fazer coisas que fogem dos princípios individuais”.

De acordo com esses relatos, percebe-se que comentários depreciativos estão relacionados não só às religiões africanas, mas também às cristãs. Situações semelhantes a estas ocorrem com certa frequência em outras instituições de ensino, não apenas em relação às questões religiosas mas também às de caráter étnico, político ou ideológico.

Ainda segundo o Artigo 7º do Código de Conduta do IFB, o Inciso XVII afirma ser dever do servidor refrear qualquer tipo de comentário difamatório ou pejorativo a respeito de alunos. Porém, como podemos ver na Tabela 4, nem sempre isso acontece.

Tabela 4 - Vítimas de comentários pejorativos ou difamatórios

O(a) docente faltou com respeito a você, fazendo comentários pejorativos ou difamatórios.	
<i>f</i>	%
9	33,3

Vê-se que 33% dos respondentes da pesquisa declararam que já foram vítimas da falta de respeito de algum professor, mesmo que o Código de Conduta proíba os servidores de tal atitude. O relato a seguir exemplifica uma situação desse tipo. A aluna afirmou que “depois de uma avaliação prática, o retorno do docente (*sic*) foi falar que eu deveria dar um tempo, trancar a faculdade ou até trabalhar como garçonne para ver se era isso mesmo o que eu queria. E isso foi falado em turma abertamente”.

¹ O texto foi editado afim de se manter o anonimato tanto da aluna quanto do docente, porém não houve perda em seu conteúdo.

Outra situação que se mostrou expressiva é a que diz respeito aos alunos que foram vítimas de intimidação psicológica por parte de docentes.

Tabela 5 - Vítima de intimidação psicológica

Você já sofreu intimidação psicológica por parte de algum(a) docente.	
<i>f</i>	%
10	37

Dado que 37% dos alunos entrevistados responderam que sofreram alguma forma de intimidação por parte de um docente, faz-se necessário salientar que o Artigo 8º do Código de Conduta afirma que:

É vedado ao servidor do IFB:

VI – utilizar-se de meios de intimidação ou coação em suas relações com outros servidores semelhantes, subordinados ou hierárquicos, alunos e público em geral quando no exercício de suas funções.

§ 1º Para efeito do caput deste inciso, considera-se intimidação ou coação:

a) ameaças de violência física, psicológica ou moral; (2012, p. 3).

O comentário a seguir mostra que é possível encontrar esse tipo de comportamento entre os professores:

A docente me colocou numa situação de constrangimento por duas vezes, uma através de um comentário irônico na frente dos outros alunos e a outra vez me colocou numa situação de humilhação através de um castigo porque cheguei atrasada pra aula.

A Tabela 6 relaciona os alunos que afirmam que tiveram algum tipo de perda em seu ensino pelo fato do docente ter participado de alguma manifestação política.

Tabela 6 - Déficit no ensino

Em função do(a) docente ter participado de alguma manifestação política, houve déficit no cumprimento da carga horária ou dos conteúdos.	
<i>f</i>	%
13	48,1

Foram 13 alunos a responderem que houve perda nos conteúdos ou problemas com o cumprimento da carga horária da disciplina. O caso relatado diz respeito a um professor ter “obrigado” os alunos a participarem de manifestações políticas, marcando aulas no local onde ocorriam essas manifestações. “Fui obrigado a ir em manifestações políticas para que a presença na aula fosse cumprida, eu preferi não ir e automaticamente levei falta na aula que não existiu”.

Tais atitudes docentes podem ser entendidas como um exercício de coerção ou prática de poder discricionário, obrigando o aluno a participar de uma manifestação política, recebendo falta aquele que não comparecer. Tragtenberg (1985), por exemplo, afirma que o diário de classe nas mãos do professor, marcando ausências e presenças, é a técnica de controle pedagógico burocrático, por excelência.

Outro tema que obteve um número significativo de resposta é o que menciona o fato de o docente utilizar-se de sua posição para impor seu ponto de vista quanto a determinado tema. A Tabela 7 mostra os resultados.

Tabela 7- Imposição do ponto de vista do docente sobre determinado tema

O(a) docente utilizou-se de sua posição para impor seu ponto de vista em relação a determinado tema.	
<i>f</i>	%
14	51,9

Dentre os comentários obtidos, dois tratam claramente dessa situação. Na primeira o discente relata: “a docente me reprovou porque durante o semestre tivemos algumas divergências em temas abordados na aula”. O segundo caso está relacionado com questões avaliativas: “uma prova, na qual a docente gostaria que as respostas estivessem IGUAIS (*sic*) ao conceito do livro”.

O professor utiliza sua posição de autoridade dentro da sala de aula para impor determinados temas. Alguns professores chegam a utilizar a avaliação como instrumento de controle (TRAGTENBERG, 1985; SANTOS, 1999; FIRME, 2017), obrigando os alunos a seguirem a mesma linha de pensamento na qual acreditam. Nem sempre há uma valorização dos pensamentos divergentes.

O próximo item a ser analisado diz respeito a situações em que o aluno afirma ter passado por alguma avaliação em que os critérios não foram devidamente explicitados.

Tabela 8 - Avaliações sem critérios claros

Você já passou por avaliações cujos critérios não foram devidamente esclarecidos.	
<i>f</i>	%
15	55,6

Observa-se que 55,6% dos alunos afirmam que já fizeram alguma avaliação em que os critérios não estavam claros. Como visto, esta foi a opção mais marcada pelos alunos. E, para exemplificar as situações ocorridas, foram selecionados três depoimentos dos discentes:

Depoimento 1:

Passou só uma avaliação que deixou os critérios que foi um projeto as outras duas obrigatórias foi segundo ela participação e desenvolvimento pessoal onde não deixou claro que também acho critérios difíceis de serem avaliados, participei de tudo e ainda fiquei com 0 no quesito participação e alunos q n faziam nada e faltavam muito tiraram nota boa (*sic*).

Depoimento 2:

Professor não explicou as exigências do trabalho detalhadamente, e na hora da apresentação, fez comentários depreciativos sobre a construção do mesmo, como se não houvesse me dedicado para a elaboração (*sic*).

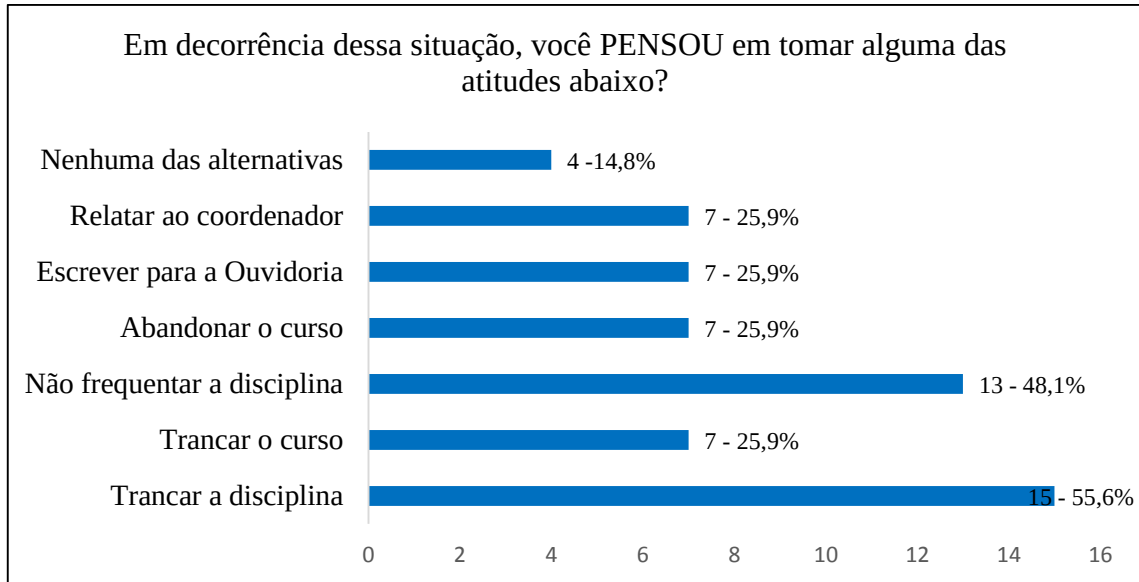
Depoimento 3:

Tive nota muito baixa em um trabalho que não havia critérios claros de avaliação e outras pessoas que estavam com um trabalho inferior ao meu tiveram nota maior. Tentei entrar em contato com a professora por e-mail e nem ao menos fui respondida (*sic*).

Partindo-se do princípio que uma parcela significativa dos professores não costumam apresentar os seus planos de ensino aos alunos (MOSCHETA, 2015), é natural que as avaliações e seus respectivos critérios tornem-se incompreensíveis, pois, muitas vezes, são desprovidas de contexto ou nexos com os objetivos da disciplina. Sobre esta mesma questão Resende (1993) salienta que a avaliação deverá ser feita “tendo sempre em vista sua consonância com os objetivos propostos” (p. 81).

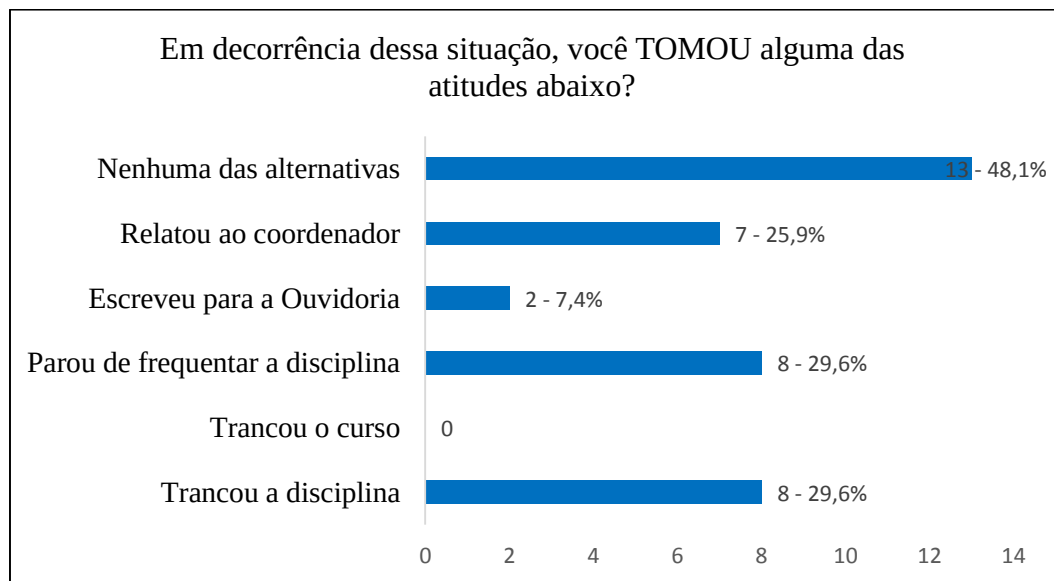
Após fazer o relato, os alunos foram direcionados a outra seção em que responderiam as últimas duas perguntas. A primeira questão (Gráfico 2) tratava de atitudes que o aluno pensou em tomar devido às situações ocorridas.

Gráfico 2 - Atitudes cogitadas pelos alunos



A segunda questão (Gráfico 3) tratava de atitudes que, efetivamente, foram tomadas pelos alunos.

Gráfico 3 - Atitudes tomadas pelos alunos



Uma comparação entre os dois gráficos, permite perceber que a maioria dos alunos cogita tomar alguma atitude, mas acaba não concretizando nenhuma. Os motivos para isso não

foram explicitados. Dentre as possíveis razões para que os alunos não relatem tais ocorrências, em busca de uma solução, imagina-se que estão, por exemplo, com o receio de sofrer algum tipo de perseguição, ou a descrença de que algo seja resolvido em seu favor.

Porém, os dados mais significativos são os que revelam a taxa de abandono de determinada disciplina motivada pelo enfraquecimento da relação professor-aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados analisados, pode-se inferir que grande parte dos alunos afirmam ter sofrido com atitudes discriminatórias por parte de algum docente, mas nem todos realmente se manifestam contra a situação. Compreende-se, pelos resultados obtidos, que apenas as relações estabelecidas entre professores e alunos não são fatores determinantes na taxa de abandonos e trancamentos do curso.

Em números absolutos, 13 alunos responderam que não tomaram nenhuma das atitudes relacionadas. Porém, as duas opções que tratam da desistência de participação da disciplina, somadas, superam este valor. Somando-se os resultados obtidos na opção “parou de frequentar a disciplina” e “trancou a disciplina”, obteve-se o quantitativo de 16 marcações, o que diz respeito a 59,2% das respostas. Vê-se que os alunos podem não relatar os casos abusivos dos docentes, mas há um posicionamento em relação às situações passadas.

Inferese, também, que os alunos têm a tendência de evitar conflitos. Afinal, são quatro anos de graduação, e muitos confrontos podem fazer com que esse tempo seja ampliado.

Com o mundo cada vez mais globalizado, com informações quase instantâneas, o professor universitário precisa se reinventar para, por exemplo, abrir espaços de subjetivação para os alunos. Essa pode ser uma forma de incentivar a participação do aluno, não apenas a criar um saber, mas na constituição de uma cultura (PERES, 2012).

Inúmeras atitudes podem ser tomadas pelos professores com finalidade de colaborar com a formação docente e pessoal dos alunos. Pode-se destacar, por exemplo, o fato do professor incentivar os discentes a serem ativos em seus processos de aprendizagem e, principalmente, valorizar e priorizar as relações estabelecidas entre ele e o aluno.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Fábila Moreira Squarça; CARVALHO, Maria Aparecida Vivian; RAMOS, Rosângela Mancini. **Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar**. Paidéia, Londrina, 2004.

CARVALHO, Luiz Cláudio Renouveau de. **Entrevista concedida a alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília**. Brasília, 2015.

CARVALHO, Luiz Cláudio Renouveau de. **Personalidade Criativa: características encorajadas e desencorajadas por professores do ensino fundamental e universitário**. Brasília, 1998.

CÓDIGO DE CONDUTA DOS SERVIDORES DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. Disponível em: <
[http://www.ifb.edu.br/attachments/1896_C%C3%B3digo%20de%20Conduta_Revisado\[1\].pdf](http://www.ifb.edu.br/attachments/1896_C%C3%B3digo%20de%20Conduta_Revisado[1].pdf)> Acesso em 13 de Agosto de 2018 às 17:49.

FIRME, Thereza Penna. **Os avanços da avaliação no século XXI**. Disponível em: <
<http://periodicos.pucrio.br/index.php/revistaeducacaoegeoaficaemfoco/article/view/237>> Acesso em 29 de outubro de 2018 às 12:20.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação. Entrevista com Jussara Hoffman**. Disponível em: <
<http://www.dn.senai.br/competencia/src/contextualizacao/celia%20%20avaliacao%20Jussara%20Hoffman.pdf>> Acesso em 12 de setembro de 2018 às 20:49.

MOSCHETTA, Júlia Bortolini. **O planejamento como necessidade na prática do professor**. Disponível em: <
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/122188/000971246.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21 de novembro de 2018 às 10:36

PERES, Vannúzia Leal Andrade. **Subjetividade, aprendizagem e desenvolvimento de alunos do ensino superior**. Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco. Organizadoras: Albertina M Martinez, Beatriz J L Scoz, Marisa I S Castanho. Bras

RAMOS, Fábio Pestana. **A evolução conceitual da ética**. Disponível em: <
<http://fabiopestanaramos.blogspot.com/2012/03/evolucao-conceitual-da-etica.html>> Acesso em 11 de agosto de 2018 às 10:16.

RESENDE, Carlos Alberto. **OBJETIVOS E AVALIAÇÃO uma nova proposta**. 1ª edição. Araxá - MG, 1993.

ROCHA, Carla Beatriz; CORREIA, Genilce C Souza. **Ética na docência do ensino superior**. Disponível em: <
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2234046/mod_resource/content/1/etica-carla-genilce.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2018 às 18:51.

RONCAGLIO, Sônia Maria. **A Relação Professor-Aluno na Educação Superior: A Influência da Gestão Educacional.** Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n2/v24n2a11> > Acesso em 10 de outubro de 2018 às 09:45.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **As relações de poder na interação professor/alunos, em contexto universitário – uma amostragem.** Revista do GELINI, Ano 1, Número 1. Universidade Federal de Alagoas, 1999.

SILVA, Mariana Siqueira. **Um pensar sobre a ética nas relações docente e aluno no ensino superior.** Disponível em:< <http://portal.estacio.br/media/4446/artigo-01-mariana-siqueira-silva.pdf> > Acesso em 15 de setembro de 2018 às 17:48.

TRAGTENBERG, Maurício. **Relações de poder na escola.** Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451985000100021&script=sci_arttext > Acesso em 11 de outubro de 2018 às 14:56.

VIECILI, Juliane; MEDEIROS, José Gonçalves. **A coerção e suas implicações na relação professor-aluno.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

Apêndice A

Ouvidoria Experimental IFB

O objetivo desta pesquisa é verificar como se dão as relações professor-aluno, no curso de Licenciatura em Dança do IFB.

Para tanto, pede-se a sua colaboração no preenchimento deste instrumento. Não tomará mais do que 3 minutos do seu tempo.

SEU ANONIMATO ESTARÁ PRESERVADO.

Esta pesquisa fornecerá informações que irão compor um Trabalho de Conclusão de Curso.

Caso tenha qualquer dúvida, entre em contato:

ouvidoriaexperimentalifb@gmail.com

*Obrigatório

★

☐ Li e concordo em responder a pesquisa

Você já foi alvo de comentários ou atitudes, da parte de docentes do curso de Dança do IFB, que tiveram um sentido discriminatório ou depreciativo? ★

☐ Sim

☐ Não

Identifique, dentre as situações abaixo, a que mais se aproxima da que você vivenciou. Você pode assinalar mais de uma alternativa.

★

- ☐ Você foi reprovado em uma disciplina pelo fato de o(a) docente ter reduzido sua nota sem dar explicações.
- ☐ O(a) docente perdeu um trabalho que você entregou, não permitiu nova entrega, e por isso você foi reprovado.
- ☐ Você sofreu algum tipo de constrangimento por causa de suas características físicas.
- ☐ Você já passou por avaliações cujos critérios não foram devidamente esclarecidos.
- ☐ Em função do(a) docente ter participado de alguma manifestação política, houve déficit no cumprimento da carga horária ou dos conteúdos.
- ☐ O(a) docente faltou com respeito a você, fazendo comentários pejorativos ou difamatórios.
- ☐ Você já sofreu intimidação psicológica por parte de algum(a) docente.
- ☐ O(a) docente lhe ofereceu um tratamento diferenciado em troca de algum favor.
- ☐ Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões raciais.
- ☐ Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões religiosas.
- ☐ Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões que envolvem política partidária.
- ☐ Você já foi vítima de comentários depreciativos de algum(a) docente sobre questões ideológicas.
- ☐ O(a) docente utilizou-se de sua posição para impor seu ponto de vista em relação a determinado tema.
- ☐ Nenhuma das opções apresentadas, mas gostaria de relatar o meu caso.

Conte-me...

Agora é o momento em que você será ouvido! Por favor, dê um pouco mais de detalhes sobre, pelo menos, uma das situações que você assinalou. Você não precisa citar nomes de docentes, de estudantes ou disciplinas. Tudo o que aqui for escrito será tratado sigilosamente. NINGUÉM SERÁ IDENTIFICADO OU EXPOSTO.

★

Sua resposta

Em decorrência dessa situação, você PENSOU em tomar alguma das atitudes abaixo? ★

- ☐ Trancar a disciplina
- ☐ Trancar o curso
- ☐ Não frequentar a disciplina
- ☐ Abandonar o curso
- ☐ Escrever para a Ouvidoria
- ☐ Relatar ao coordenador
- ☐ Nenhuma das alternativas

Em decorrência dessa situação, você TOMOU alguma das atitudes abaixo? ★

- ☐ Trancou a disciplina
- ☐ Trancou o curso
- ☐ Parou de frequentar a disciplina
- ☐ Escreveu para a Ouvidoria
- ☐ Relatou ao coordenador
- ☐ Nenhuma das alternativas

Ouvidoria Experimental IFB

Muito obrigada por sua participação.

Email para contato/dúvidas: ouvidoriaexperimentalifb@gmail.com

Atenciosamente,

Janaynna Braga

Licencianda de Dança - IFB

VOLTAR

ENVIAR